



TRÂNSITO SEM RACISMO: METODOLOGIAS PARA UMA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA E TRANSGRESSORA NO PIBID ALFABETIZAÇÃO

Autores: Ingrid Laís Silva Gorgonha¹, Maria Rayane da Silva Martins², Ana Paula Santos Santana³, Edivone Meire Oliveira⁴. email: ingryd.lais@urca.br

Instituições: ¹Universidade Regional do Cariri, Crato/CE, Brasil; ²Universidade Regional do Cariri, Crato/CE, Brasil; ³Universidade Regional do Cariri, Crato/CE, Brasil; ⁴Universidade Regional do Cariri, Crato/CE, Brasil.

RESUMO

A escola consolida-se como um espaço central na luta antirracista, posto que a educação atua como um vetor determinante na construção da identidade dos sujeitos (Munanga, 2005, p.15). Nesse sentido, o presente projeto foi idealizado para atender às diretrizes da Lei nº 10.639/2003, que torna obrigatório o ensino da História e Cultura Afro-Brasileira nas redes de ensino. Ademais, a proposta alinha-se ao ordenamento jurídico brasileiro, respaldada pela Lei nº 7.716/1989, a qual estabelece que o racismo é crime. Considerando a relevância das práticas escolares no desenvolvimento social e identitário dos estudantes, bolsistas e supervisora do PIBID Alfabetização da Escola Tábulo Exedito Pereira estruturaram o projeto intitulado “Trânsito sem Racismo”, que objetiva a promoção de uma educação efetivamente antirracista e condizente com os valores civilizatórios afro-brasileiros de Trindade (2005). Deste modo, constituíram um cronograma de atividades que tinha como centro norteador a culminância da entrega de panfletos antirracistas com a temática do trânsito no centro da cidade de Juazeiro do Norte, Ceará, em que se localiza a instituição. A intervenção estruturou-se inicialmente por meio de rodas de conversa pautadas na escuta ativa com crianças dos anos iniciais do ensino fundamental da referida escola, sendo essa uma dimensão que pressupõe a “[...] disponibilidade para a escuta, que implica o respeito à leitura de mundo do educando” (Freire, 1996, p. 119). No interior de tal perspectiva, foram escolhidos livros infantis com protagonismo negro que abriram a temática para as turmas do ciclo de alfabetização. Logo após, como desdobramento das reflexões e do processo de conscientização, os alunos protagonizaram a confecção de panfletos educativos sobre o combate à discriminação racial ao longo de três semanas. Por fim, no dia da culminância, as duas turmas participantes foram conduzidas ao centro da cidade, onde distribuíram suas produções entre os veículos e pedestres que por ali passavam, dialogando com a comunidade sobre a necessidade de um olhar sensível para o debate proposto. Como resultado, configura-se o entendimento de que o processo descolonizador nasce no mesmo lugar em que a colonização se estrutura, na escola. Em sua inflexibilidade, a universidade tem capacitado os licenciandos para a manutenção de um *status* constituído no interior de uma perspectiva eurocêntrica e excludente (Ribeiro, 2019, p.304). Ao transgredir essas raízes,



nascem possibilidades outras do fazer docente e, por consequência, do ensino-aprendizagem. Portanto, a experiência aqui descrita é um reforço concreto e palpável de que é possível estabelecer uma educação pautada em valores decoloniais e antirracistas. Ao se formarem como agentes de transformação, os professores proporcionam experiências transgressoras de reconhecimento de seus e suas estudantes. Ao se reconhecerem, as crianças dão significado à sua existência e constroem as próprias compreensões do saber.

Palavras-chave: Educação antirracista; Trânsito; Alfabetização.